

REPÚBLICA I

Antes de ser um novo sistema de representação para os escritores e ar-
generosa e uma nova proposta de vida. Po-
nos últimos tempos da monarquia e nos primeiros
Rui Barbosa, Nabuco, Machado de Assis,
Vicente de Carvalho — alguns dos

Luiz Carlos Lis

O grupo de jovens que avançava pela Rua do Ouvidor a caminho do Largo de São Francisco, na tarde do dia 14 de julho de 1889, cantava a "Marselhesa" e levantava o estandarte do Clube Republicano. Cabeças chegavam às janelas dos sobrados e as casas comerciais fechavam suas portas com estrondo. A passeata tinha à frente os alunos da Escola Politécnica e logo atrás vinham os moços da Escola Militar. De repente, numa das ruas transversais, surge a "guarda negra", famosa pelos mestres de capoeira que tinha em suas fileiras. Há tiros e agressões nas calçadas. Era a primeira vez que se fazia manifestação pública contra a monarquia, no país. O folheto que os jovens traziam nas mãos, e que ficou espalhado no chão entre chapéus e sapatos, era a "Carta Política" de um intelectual brilhante, Silva Jardim, um dos muitos que viviam no Rio de Janeiro da época em que o Império cedeu lugar à República, no Brasil.

Convocadas as "cabeças pensantes" para a administração. Rui, Raimundo Correia, Graça Aranha e outros

O primeiro juiz nomeado pelo Governo Provisório foi o de Campos e se chamava José Pereira de Graça Aranha, futuro autor de Canaã. O secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro era Raimundo Correia, autor de Mal Secreto. No novo ministério há nomes como Rui Barbosa,

Aristides Lobo, Quintino Bocaiuva. O ponto de encontro das "cabeças pensantes" era a confeitaria Pascoal, substituída cinco anos depois pela Colombo. No foyer dos teatros discutia-se muito política, e monarquistas "alfinetavam" os republicanos, enquanto eram ridicularizados por eles, tudo em meio à polidez que se importava da Europa, juntamente com as gravatas, os tecidos e todos os outros símbolos de distinção. Nos lunch-rooms da moda, menos intelectualizados mas igualmente elegantes, como a Maison Moderne e o Coblentz, ouviam-se as canções que chegavam da França e discutia-se política. O Alcazar, da Rua da Vala, já perdera todo prestígio e era freqüentado agora pelos comerciantes do centro. Nos anos que antecederam a República, são lidos e declamados os poemas de José Bonifácio, o Moço, desaparecido há pouco.

"Distante, corro logo a procurar-te,
E perco a voz e fico mudo a ver-te,
Se me lembro de ti, tento esquecer-te
E se te esqueço, cuido mais amar-te."

De José de Alencar lêem-se O Guarani, Senhora, A Pata da Gazela. De França Júnior, morto no ano seguinte à República, os teatros encenam As Doutoradas e República Modelo. De Guimarães Júnior recita-se o poema famoso, editado em Lisboa:

"Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu também quis rever o lar paterno
O meu primeiro e virginal abrigo."

A crítica de Araripe Júnior era a mais respeitada e O Missionário, romance de Inglês de Souza publicado sob o pseudônimo de Luís Dolzani, é o mais discutido.

Artur Azevedo diverte a cidade com seus Contos Possíveis, escritos quando o trabalho na Secretaria da Agricultura e os artigos para jornais lhe permitiam uma folga. Aluisio Azevedo sai com O Coruja e com O Cortiço no ano seguinte. O primeiro volume de Estudos Brasileiros, de José Veríssimo, editado no Pará, chega ao Rio quando Pedro II e a família imperial abandonam o país.

"Quando as folhas caírem e tu fores procurar minha cruz no campo santo..."

Circulava na cidade, sendo recitada nos salões, a tradução portuguesa de um poema famoso de Stechetti, feita por Alphonsus de Guimaraens, que nunca deixava a cidade de Mariana para vir ao Rio:

"Quando as folhas caírem e tu fores
Procurar minha cruz no campo santo
Hás de encontrá-la, meu amor, num canto
Circundada de flores.
Colhe, então, para os teus loiros cabelos,
Cada flor que do peito meu florisse.
São versos que pensei sem escrevê-los,
São palavras de amor que te não disse."

A República veio encontrar Raimundo Correia no seu apogeu. Juiz e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, publicou Versos e Versões num ano e Aleluias no outro.

Era triste e sóbrio, como sua poesia, mas ainda assim freqüentava as rodas intelectuais, onde se repetia seu soneto célebre, que começa lamentoso:

"Vai-se a primeira pomba despertada
Vai-se outra mais...
mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada."

João Ribeiro, professor do Colégio Pedro II (que só recebeu esse nome mais tarde), lança o Dicionário Gra-



Luiz Carlos Lisboa, jornalista, advogado, conferencista e escritor. Publicou seleção de artigos e reportagens, três coletâneas de artigos, contos e um guia prático de literatura. Uma de suas obras: Olhos de Ver, Ouvidos de Ouvir.